

VISÃO DO CORREIO

Bola é barrada nos guichês de imigração

A deportação sumária do árbitro somali Omar Artan, eleito o melhor do continente africano, no aeroporto de Miami é o símbolo de uma Copa do Mundo que começou a ser decidida nos guichês de imigração. Com visto válido no passaporte, Artan foi impedido de entrar nos Estados Unidos e cortado do torneio em uma decisão unilateral.

O episódio não é isolado. As últimas semanas acumulam constrangimentos diplomáticos: o interrogatório de sete horas imposto ao atacante iraquiano Aymen Hussein em Chicago, a negação de vistos para jornalistas africanos e asiáticos relatada pela Associação Internacional de Imprensa Esportiva. O que deveria ser um evento de integração global vai se transformando em um labirinto de vetos arbitrários.

O impacto dessa triagem compromete a equidade da competição. O Irã, que já havia tido a entrada de seus dirigentes barrada no sorteio dos grupos, viu sua federação perder a cota oficial de ingressos por imposição das autoridades americanas. Torcedores que haviam se planejado financeiramente para a viagem estão sendo punidos exclusivamente por sua nacionalidade. Haiti e Irã, nações atingidas pelo veto migratório assinado na era Trump, veem a isenção prometida a atletas esbarrar na intransigência burocrática. O torneio não oferece trégua: apenas espelha os bloqueios do país-sede.

Sob qualquer ótica, é inadmissível que um evento dessa magnitude opere

sob tamanha imprevisibilidade. A postura assumida pela Fifa diante do governo estadunidense contrasta de forma brutal com o histórico da entidade em outras sedes. Quando o torneio foi sediado no Brasil, na África do Sul ou no Catar, a federação exigiu mudanças em leis federais, impôs isenções fiscais bilionárias e estabeleceu exigências de acesso com mão de ferro, tudo sob o argumento de que as garantias da competição eram inegociáveis. Confrontada agora com o rigor unilateral das agências americanas, a mesma Fifa aceita que a política externa de Washington dite quem pode ou não pisar no gramado.

Não se discute o direito soberano de qualquer nação de proteger suas fronteiras. Contudo, ao pleitear e aceitar sediar o maior torneio do planeta, um Estado assume o compromisso mínimo de garantir o livre trânsito de delegações, árbitros e imprensa credenciada. A indisposição de honrar esse compromisso esvazia o propósito do Mundial. Aceitar que a imigração atue como filtro de nacionalidades é chancelar um retrocesso na governança do esporte global.

O grande prejudicado não é o árbitro impedido de apitar nem o torcedor barrado na fronteira — é o esporte. A Copa do Mundo existe porque, durante ao menos 90 minutos, a origem de um jogador não deveria importar mais do que o que ele faz com a bola. Quando um carimbo de imigração decide quem entra em campo, esse princípio deixa de ser ingenuidade para se tornar mentira.



RODRIGO CRAVEIRO

rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

A régua moral dos EUA

Três incidentes envolvendo os Estados Unidos e nações africanas chamaram a atenção. Mais do que isso: causaram repulsa, indignação, ojeriza. Para não ter que receber um cidadão americano infectado com o vírus ebola, os EUA planejam criar instalações de quarentena no Quênia. Detalhe 1: os centros de isolamento contemplarão tão somente aquelas pessoas nascidas nos Estados Unidos que apresentem sintomas da doença. Detalhe 2: com 58 milhões de habitantes, o Quênia não tem um caso sequer de infecção pelo ebola.

O segundo incidente ocorreu durante o desembarque da seleção senegalesa de futebol em solo norte-americano. Funcionários da Imigração inspecionavam os atletas como se fossem criminosos. Craques como Sadio Mane e Kalidou Koulibaly foram forçados a abrir os braços, tirar os tênis e passar por uma revista com detector de metal ainda na pista do aeroporto. Um tratamento degradante, humilhante e vexatório. O terceiro caso foi o veto à entrada em território norte-americano de um árbitro de futebol da Somália. Outro episódio, que não envolveu um africano, foi não menos vergonhoso: a proibição de venda de ingressos a cidadãos iranianos.

Mais: os casos denotam a pretensa superioridade dos Estados Unidos e a discriminação racial e étnica absurda, típica do imperialismo colonialista que subjuga, oprime e explora. A ideia de enviar americanos infectados com o ebola para um país da África livre do surto, e não tratá-los em hospitais dentro dos Estados Unidos, é deprimente, ainda que nada surpreendente,

ante a política de xenofobia do presidente Donald Trump.

A recepção vergonhosa aos jogadores do Senegal para a Copa do Mundo, um evento que prega a união entre os povos e a harmonia entre as torcidas, deveria merecer a máxima condenação da comunidade internacional e da Fifa, organizadora do principal torneio de futebol do planeta. O mínimo que se deveria esperar era um pedido de desculpas contundente da Casa Branca para o Senegal, a União Africana e a Fifa. Fosse no Brasil, vexames assim não aconteceriam jamais. Somos uma nação que acolhe e abre os braços para visitantes de todo o mundo. Sem preconceito.

Os incidentes citados acima apenas reforçam o antiamericanismo mundo afora e expõem a arrogância de um governo que perdeu a mínima noção do que é régua moral e conduta ética. Em Nayuki, a 180km da capital queniana, Nairóbi, e local onde os Estados Unidos construirão a famigerada instalação de quarentena, centenas de pessoas saíram às ruas para protestar. Foram recebidas à bala, a golpes de cassetete e a gás lacrimogêneo. Um civil foi morto durante o confronto com a polícia.

Proponho um exercício mental: imagine que, de repente, os Estados Unidos queiram improvisar um centro de infectados por ebola em uma região administrativa do DF para enviar cidadãos contaminados. Ainda que houvesse um acordo entre o Palácio do Planalto e a Casa Branca, seria algo no mínimo questionável do ponto de vista ético e moral, não é?



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Feira fechada

Mais uma vez, no último domingo, o GDF comete o absurdo de fechar a Feira da Torre de TV. Nós, artesãos, perdemos vendas e deixamos de entregar encomendas em razão do isolamento. Fecham-se todas as faixas dos Eixos Monumental Sul e Norte. Muitos artesãos trazem seus produtos, mas são impedidos de levar até seus boxes. Será que os feirantes vão ter de fechar as referidas vias na hora das corridas? Temos o parque, o Eixo Sul e o Norte e outros locais, mas sempre somos prejudicados com corridas de pedestres, exposições de gatos, cachorros, carros antigos e outros que em nada agregam aos artesãos e à feira. Peço, encarecidamente, que a atual governadora ajude-nos não isolando a Feira nesses eventos.

» **José Monte Aragão**

Sobradinho

Inflação

A inflação acima da meta não é um fenômeno natural e inevitável. É descaso e falta de rumo. É a prova de que o país continua empurrando os problemas com a barriga enquanto a população paga a conta na caixa do supermercado. E as decisões que poderiam aliviar o peso da inflação são adiadas, travadas, disputadas, pois o país parece mais preocupado em administrar as expectativas do mercado do que a vida real dos seus cidadãos.

» **Pacelli M. Zahler**

Sudoeste

Regina Studart

É com pesar que registro nesta coluna — o **Correio** noticiou, com chamada de capa — o falecimento da grande cronista e poetisa Regina Stella Studart Quintas, às vésperas de completar 100 anos de idade. Nascida em Fortaleza, veio para Brasília em 1960 com o marido, o jornalista Expedito Quintas, grande amigo do saudoso Ari Cunha, um dos fundadores e vice-presidente do **Correio Braziliense**. Devido a problemas decorrentes de uma recente cirurgia no pé direito, não pude comparecer ao velório. Convivi com Regina Stella por muitos anos, na Associação Nacional de Escritores (ANE), fundada por Almeida Fischer, Anderson Braga Horta e outros escritores e hoje presidida por Fabio de Sousa Coutinho. Sua simpatia, delicadeza e espírito participativo encantavam a todos que tivemos o privilégio de conhecê-la. Foi colaboradora do **Correio Braziliense**. De fato, ela transformou Brasília em personagem. A Casa do Ceará teve nela uma grande benemerita. Deixou oito filhos, 16 netos e 13 bisnetos. E muitas saudades. Segundo informa Napoleão Valadares, na 4ª edição de seu *Dicionário de Escritores de Brasília*, Regina Stella foi presidente do Conselho da Ação Social do Planalto no Distrito Federal, teve livro adotado em colégios, foi premiada em concurso literário, colaborou em periódicos e participou das antologias *Cronistas de Brasília* (de Aglaia Souza), *O prazer da leitura* (de Jacinto Guerra), bem como da *Antologia do conto brasileiro* e de *Todas as gerações — o conto brasileiro contemporâneo*, ambas organizadas por Ronaldo Cagiano. Regina Stella publicou os livros *O reto e o oblíquo*, *Recado dos ipês* e *Ciranda do tempo*.

» **Danilo Gomes**

Lago Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Políticos brasileiros apoiando tarifaço americano contra o Brasil é algo muito sem noção!

Marcos Paulino — Vicente Pires

TSE suspende divulgação de pesquisa que registrou queda de Flávio Bolsonaro. Chega de pretinho básico! Está na hora de lançarem togas verde e amarelas.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

EUA cancelaram ingressos de torcedores do Irã que iam para a Copa. Eles não deveriam ser a sede da Copa do Mundo, assim como a Rússia foi banida por estar em guerra.

Marcus Magalhães — Brasília

O papa Leão XIV, além de líder da Igreja Católica, desponta como um estadista mundial de grande envergadura. Parabéns pela sua atuação, pontífice. Estávamos precisando.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Inteligência artificial

Com relação às efusivas matérias relacionadas à inteligência artificial (IA) publicadas recentemente no **Correio** e ainda na qualidade de artista novato, porém ambicioso e determinado, venho, nestas breves linhas, registrar que sou grande entusiasta das novas tecnologias digitais da informação, entretenimento e comunicação social. Assim sendo, portanto, e certamente respeitando opiniões adversas, acredito que, se adequada e necessariamente regulamentados finalidade e uso, a IA generativa veio com emboalo, força e, se preparem, ela veio pra ficar!

» **NetoKobra**

Brasília

Três momentos da Seleção

A Seleção Brasileira de futebol apresenta três momentos que são marcantes e, por assim dizer, contrastantes. No torneio de 1958, Vicente Feola, seu treinador, pouco influenciava, e a Seleção foi se amoldando no decorrer da competição. Em 1970, Mário Jorge Zagallo foi acertando, depois de João Saldanha, que o precedeu, ter escalado o time com antecedência. No momento atual, Carlo Ancelotti, seu atual treinador, ainda faz experiências, com clara demonstração de que o time deve ser composto por atletas bem condicionados física, técnica e psicologicamente para competir. Os momentos e os contrastes mostram uma história das Seleções brasileiras. Que o atual também seja vitorioso.

» **Enedino Corrêa da Silva**

Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Assinatura para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br